

Visionário que tinha bom senso

Assisti a inauguração de Brasília. Depois de 41 anos ainda guardo na memória a festa daquele 21 de abril de 1960. Meu pai e um amigo foram convidados a comparecer ao baile no Palácio do Planalto. O traje era fraque e cartola. Talvez casaca e condecorações. A imagem era desconcertante. No meio do cerrado, numa poeira sem fim, homens e mulheres extremamente elegantes sujavam seus preciosos sapatos no desconforto de uma obra erguida no Planalto Central.

Não fui à festa. Fiquei na Praça dos Três Poderes vendo o movimento dos candangos, que faziam suas comemorações particulares. Havia um imenso coral, quase mil vozes, cantando para o povo. De repente, Juscelino desceu a rampa, atravessou a rua e se misturou à multidão. Houve uma quase histeria. Pessoas se ajoelhavam a seus pés. Outras beijavam-lhe as mãos. Foi carregado várias vezes. E chorou.

Esse é o momento um da minha vida em Brasília. Inesquecível. É difícil dizer hoje, com precisão, o que era a cidade nos anos sessenta. A Asa Norte não tinha um único prédio. As ruas eram asfaltadas, mas não existiam construções. No Lago Norte, deserto de casas, o asfalto ia até o final onde já existia o Clube do Congresso. Na Asa Sul, poucas quadras. Eram elas 105, 106, 107, 108, 114, 206 e 208, além das 408 e 409. O resto era mato.

As duas W/3 não se comunicavam. Nem as duas L/2. O Eixão não tinha saídas laterais. Quem entrasse nele tinha que ir até o final. Não existia um único sinal de trânsito no Plano Piloto. Cinema era só o Cine Brasília. Logo depois surgiu outro junto da escola parque. O Iate Clube tinha uma sede de madeira que ficava dentro d'água.

Brasília quarenta e um anos depois é outra cidade que guarda pouca semelhança com a cidade original. No início, por exemplo, não se conseguia comprar apartamento no Plano Piloto. Todos pertenciam ao governo. As primeiras incorporadoras surgiram na década de setenta, quando a capital iniciou seu processo de consolidação.

O primeiro condomínio também é da década de setenta. Foram os militares do Conselho de Segurança Nacional que tomaram posse de uma área atrás da quadra 27 no Lago Sul. Conseguiram comprovar a cadeia dominial e registraram as respectivas escrituras. Lançaram a moda. Hoje este condomínio é apenas um em meio a um mar de casas construídas na região.

Na década de sessenta houve um forte movimento para que a capital retornasse ao Rio de Janeiro. Quase voltou. Era o assunto do momento na época. Hoje ninguém mais fala nisso, pelo menos, às claras. O inimigo agora está entre nós. É conivente com as invasões de área pública e com flagrantes e freqüentes agressões ao projeto original da cidade.

A moderna concepção da cidade ainda assusta os tradicionais. Mas ela tem a medida do automóvel. Foi imaginada no momento em que a indústria automobilística estava começando a operar no Brasil. A ideia de qualidade de vida, proteção ao meio ambiente e a manutenção de longos e largos gramados também rompe com a tradição do burgo europeu transplantado para o Brasil.

Brasília é, sob todos os aspectos, uma experiência vitoriosa. Injetou melhoria na auto-estima nacional e comprovou que o brasileiro não vive só de samba, futebol e praia. Sabe construir e planejar o futuro. A capital sobreviveu às crises. Essa interessante dualidade faz lembrar a definição que o ministro Celso Lafer encontrou para Juscelino: o visionário de bom senso.



ESTA COLUNA É PUBLICADA DE QUARTA A SÁBADO